

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LARGO DE S. FRANCISCO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
COMPANHIA EDITORA DO MINHO

ACÇÃO SOCIAL

SEMANARIO CATÓLICO
(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

C.M.S.
BIBLIOTECA

ASSINATURAS
Ano... 10\$00 Semestre... 5\$00
Pelo correio, mais o porte.

ANUNCIOS
Linha (corpo 12)... \$50
Repetição... \$40
Comunicados linha... \$70

DIRECTOR E EDITOR—Abade Alexandrino José Leituga

ADMINISTRADOR—P.º António Esteves

PROPRIEDADE da Empresa da "ACÇÃO SOCIAL"

GRANDIOSAS FESTAS DAS CRUZES

Nos dias 3 e 4 de Maio de 1924

PROGRAMA:

Dia 3, sábado:

Estrondosa alvorada por um grupo de ZÉS P'REIRAS, e por 4 afamadas bandas de música, que percorrerão as ruas da vila e Barcelinhos.

A's 10 horas, no magestoso templo do Bom Jesus da Cruz, SOLENE FESTA RELIGIOSA em cujo templo se encontrará em exposição a formosa imagem do Senhor dos Passos, maravilhosa escultura italiana.

A's 11 horas, organização e desfile da imponente Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Parada Agrícola

Encantadora

EXPOSIÇÃO DE FLORES

a que concorrem os principais floricultores das cidades de Braga e Porto e amadores da região.

A's 16 horas, emocionante desafio de Foot-Ball, entre a equipe vencedora do dia 3 e o 1.º Onze do afamado club «União Foot-Ball Barcelense», considerado como o 1.º grupo futebolista do Minho.

A's 21 horas, o sensacional número das festas:

Deslumbrante festival no Rio Cávado. Surpreendente fogo aquático e do ar

confeccionado pelos melhores pirotécnicos de Viana do Castelo. As margens do rio, a ponte, Paços do Duque de Barcelos e edifícios confinantes, serão todos profusamente iluminados.

Mais de trinta mil lumes artisticamente distribuídos. 4 bandas de música abrilhantarão este extraordinário festival.

Feiras Francas—Festa agrícola—Festivais nocturnos—Deslumbrantes Iluminações—Artísticas ornamentações nos prédios das principais ruas da vila—Lindos fogos aquáticos e do ar.

A Comissão convidou o Ex.º Ministro da Agricultura, a presidir ás festas agrícolas, assim como espera a vinda de 2

AEROPLANOS
COMBOIOS EXTRAORDINÁRIOS PARA VIANA, PORTO E BRAGA

ce. Essa *hostilidade*, essa *má vontade*, uma vez surda, outra declarada, do nosso poder civil vem de longe, dos tempos da monarquia absoluta. Havia como que a *idolatria*, digamos o termo, do poder civil, que se considerava também de direito divino, ao lado e igual ao poder espiritual do Papa... Nomeadamente, depois de 1834 o nosso desconhecimento do Sumo Pontífice tem sido quasi sistemático, por vezes acompanhado de *perseguições*, também já antigas, aos católicos, deportações individuais, ruínas e o abandono dos templos.

Em Flor da Rosa, por exemplo, a terra evocadora da família de Nun'Alvares, a igreja ruiu um dia; é hoje um montão de pedras, o cemitério está exposto aos cães famintos, o túmulo do pai do Santo Condestável ao abandono... Neste país o poder civil fazia-se idolatrar; mas para a religião era... o abandono e a ignoância. O *catecismo*, como ensinavam nas escolas os professores que o desconheciam, era um acervo de erros crassos... Os Prelados eram, a troco de honrarias, *cobertos de algemas*. E, citando exemplos: «O sr. Cardeal Patriarca... ouvindo um dia no Parlamento a um ministro jactar-se de *ter amarfanhado as vestes a um bispo*, soube nobremente responder que havia bispos que sabiam nobremente cumprir com o seu dever.

Havia bispos e muito dignos; mas era o Ministro da Justiça que mandava nos párocos. E quando aqueles queriam cumprir o seu dever, vinha por vezes uma portaria, *ameaçando de lhes cortar as temporalidades*. Eram as *algemas douradas do regalismo*.

Assim falou um prelado ilustre que conheceu de perto a vida da corte e os tortuosos enredos da política religiosa do antigo regime; assim falou há pouco em Lisboa o apostólico e desempoeirado bispo de Portalegre, segundo um extrato da conferência por ele feita na «Liga da Acção Social Cristã».

E agora pergunto, quem tem mais jus ao nosso assenso: um político, alguns políticos interesseiros que, acantonados num sector restrito da vida política portuguesa, se metem contudo a discretar com arrogância sobre as coisas e altos interesses da Igreja, apenas com o conhecimento fragmentário que delas têm pela faceta sobre que, lá do fundo da sua trincheira, assestam o seu óculo—e este conhecimento, além de incompleto, de mais a mais filtrado e deformado pelo prisma das suas conveniências políticas;—ou os ex.ºs prelados, em união com o Papa, aqueles que são o cérebro e o coração vivos da Igreja, que vivem a plenos pulmões e actuam a vida católica, aqueles que são os genuínos e consagrados *magistri in Israel*, que ocupam o lugar mais proeminente e abarcam a mais completa perspectiva e largo horizonte *in domo Dei*?

Quem?! Para nós não há a minima hesitação na escolha; e creio bem que o mesmo sucederá para os católicos, que o são antes de tudo, a valer, integrais e até para os espíritos independentes, eman-

cipados da tutela, desenleados da ambição de partidarismos, corrilhos ou igrejinhas políticas. *Chacun à sa place.*

E já nisto temos um valioso argumento indirecto a demonstrar como, sob as concordatas, a Igreja pode gemer, oprimida e espinhada nos seus justos direitos e liberdades; já por isto se compreende como no Brazil a Igreja rejubilou em haustos de liberdade quando, sob a república e a sombra duma separação leal e digna, se viu desempeçada e desopressa das ferropias ou, se quizerem ouro-peias duma concordata igual ou semelhante à nossa; já com isto se começa a evidenciar a inexactidão e falta de rigor daquela ousada proposição, proferida em Lisboa por um político apaixonado, com fama de bom católico: «... através de todos os tempos (!) conservou (o Estado) a sua fidelidade e a sua aliança à Igreja».

Mais ia dizer e mais directamente quanto a concordatas sob o ponto de vista das liberdades e direitos da Igreja; mas tem de ficar para outra vez.

En pélo-mêlo e de fugida:

O nosso contendor do «Barcelense», com aqueles fumos de sobranceira que lhe estamos admirando, anatematisa e sentença:

a) Que a minha filosofia é bálfoa, etc.

Não me incomoda o seu juízo; quem nos há-de julgar (a mim e a êle) é o público imparcial e sensato que prescindir dos seus e meus conselhos de tutela.

b) Que a minha história é falsária.

Por eu imputar à monarquia a génese (mãe e filha) de quasi todas as tropelias anti-religiosas da república—já sabe que o que vou fazendo é mostrar que as pedras (tropelias da república), que de lá vinham atirando com gana contra o Centro, não atingem o Centro, mas vão quebrar o telhado de vidro da monarquia e mais fazem sobressair a razão do Centro.

Será por eu citar falso?

—Se é, em vez de acusação vaga e gratuita, concretisê e porremos isso a claro.

c) Que V. A. não pode fazer a crítica do Marquês de Pombal. Perdão; foi equívoco da sua parte.

No ponto incriminado, quem fez a crítica não foi V. A.; foi um jornal monárquico mas dos genuinamente monárquicos, que não dos de meias tintas que querem ou se satisfazem com um rei que reina e não governa, a parecer-se, sempre dentro da democracia, com um presidente que preside e não governa.

Foi o jornal «Aqui d'El-Rei» de 14-5-1922, em artigo de título «Política integralista» e subtítulo «A questão religiosa». O seu a seu dono. Mas, baixinho: não se arranjará uma licençazinha para V. A. poder debicar um pouquinho no grande Marquês?

d) A citação de Oliveira Martins fazia parte do referido artigo do «Aqui d'El-Rei».

No seu prolixo comentário absolutório a esta citação, o sr. A. L. cometeu um... lapso notável, suprimindo-lhe o final: «*Saqueado tudo, incendiou-se o convento*». Seria a tal fome e se-

de; ou seria expoente de como «ardiam em ódio as suas (dos liberais) almas negras de maçons» como comentava o articulista?

e) Que por este teor de vida, periga para V. A. a fama de sabedor... e que se está a mostrar um discípulo daqueles monstruosos... magisteres (sic) de Coimbra ao definirem jornalista católico.

Quanto à suposta fama de V. A. nada importa que se vá, porque êle é o primeiro a reconhecer que é uma nulidade vulgar; e, avêssos a famas, glórias e prosápias, dá-se muitíssimo melhor na penumbra duma obscuridade serena.

Também lhe não fazem moossa essas freqüentes eructações a batatas, pepinos, pontapés do diabo e outras buzundangas, porque V. A. já está vacinado e imune contra virulência de semelhantes larachas gazetilheiras.

Quanto aos tais *magisteres* (não seria mais correcto *magistri*, já que lhe apraz empregar o latínório irónico, depreciativo?) sobre os quais vem insistentemente cuspiendo o seu desdem, sempre será prudente não carregar muito a carta; que êles, os afeitos ao Centro são bastantes e ilustres—Pacheco de Amorim, Mendes dos Remédios, Oliveira Salazar, Mário de Figueiredo, Serras e Silva, António Forjaz, Gonçalves Cerejeira... Porque bem pode suceder que, a continuar com essa jactanciosa activês, surja ali do lado algum mal intencionado que, lembrando-se de fazer a comparação entre a categoria mental de s. ex.ª e a dos eminentes catedráticos das nossas Universidades, se veja tentado a dizer: a ignorância é muito atrevida.

V. A.

A' LA DIABLE

(CRONICAS LIGEIRAS)

E... ponto final

Vejo que A. L. tem fôlego de gato. Julguei-o a escabujar, sob o péso esmagador das suas próprias inconveniências e dislates, supú-lo inutilizado para a vida jornalística, e êle ainda me surge do alcapão, gingando, esgrimindo, como quem pretende iludir o respeitável público... Pisando e repisando argumentos de cabo de esquadra, para provar o que não tem justificação possível, acaba sempre por concluir, triunfante:

E' de pau e bem bonito,
E' de pau e tenho dito.

Para provar que A. não é B. inventa razões e formula argumentos dignos do célebre médico de Molière:

Quis per quiper pularinum
Aldo brandus flos cabrinum

(Eis a razão porque a menina está muda).

Aqui está porque os P. E. não são de Infirmus, que lealmente confessa ser sua a paternidade...

As premissas que estabelece são tão verdadeiras como as conclusões que desentranha...

Faz-me lembrar aquele estudante de filosofia, tão estudioso como arguto, queimando

MÃE E FILHA

Concordatas e liberdade da Igreja

Chacun à sa place
En pélo mèle

Concordatas?...

Eis o paládio, a capa, o passaculpa com que alguns dos nossos ferrenhos anti-centristas costumam acobertar-se para desculpar, coonestar as abusivas e criminosas intromissões que desde o antigo regime o Estado tem feito nas coisas da Igreja, invadindo-lhe direitos e jurisdições, coarctando-lhe legítimas liberdades, usurpando-lhe uns bens, cercando-lhe e dispondo a seu talante sobre os outros.

Se, opinam êles, sob a monarquia houve dessas lesões dos direitos e liberdades da Igreja, foram filhas de circunstâncias anormais, porquanto o Estado, avançam ainda, «através de todos os tempos (sic) conservou a sua fi-

delidade e a sua aliança á Igreja».

Isto, dizem-no alguns monárquicos, adversários do Centro, derricando artificialmente a capa-passa-culpa sobre as mazelas anti-religiosas do tempo da monarquia; isto, dizem-no êles calculadamente, *interesseiramente*, fazendo bichinha-gata aos católicos, ciumentos de que êstes se agremiem, independentes, no Centro Católico.

Mas ao contrário os prelados portugueses, *desinteressadamente*—que nada têm recebido da república, a não ser perseguições e vexames,—mas as autênticas sentinelas de Israel, os verdadeiros e legítimos competentes nos assuntos da Igreja, êstes têm desabafos de verdade como isto:

«Portugal deve muito ao Romano Pontífice, quer na sua constituição, quer na manutenção da sua independência—e todavia nunca o poder civil deixou de ver com inveja o Sumo Pontifi-

o cérebro para formar um silosismo:

*Se as nuvens teem água,
e Brag está áno Minho...
Logo morreu D. Pedro V...*

O sr. A. L. mete-se a taralhão, para adivinhar que os escritos da «Acção» teem esta ou aquela paternidade.

E' um divertimento como outro qualquer, mas é também tática muito antiga.

Põe-se o ramo numa parte, e vende-se o vinho noutra...

O fim é óbvio e clarissimo. O sr. A. L. precisa duma vítima para a sua bilis, e de preferência escolheu-a entre pessoas que nenhum mal lhe fazem, mas que teem mais responsabilidade na propaganda de doutrinas que não agradam ao seu sectarismo político, á sua Maçonaria azul e branca.

Bate-se no burro por causa da albarda...

*Je te connais, beau masque...
Bem te conheço, meu pau de lanjeira...*

Para o sr. A. L. o inimigo é o Centro Católico e quem estiver com o Centro... logo o director da «Acção Social» e os seus colaboradores incorrem todos em excomunhão maior, ipso facto fulminada pelo pontífice máximo do monarquismo barcelense...

O sr. A. L. afastou-se do campo de uma discussão. *Infirmus* afirmou-lhe que a Igreja pode viver com qualquer forma de governo, e provou-lho.

Forçado a estabelecer confrontos e paralelos, teve que ferir susceptibilidades de monárquicos, por ventura mais inconscientes ou mais fanáticos...

O sr. A. L. afirmou que esta República (que o C. Católico procura melhorar e reformar no que concerne ás suas injustiças e represálias contra a Igreja) era peor que o governo dos soviets.

Ainda o não provou. Que esta República praticou erros e crimes que a Monarquia nunca praticou. Provamos-lhe o contrário, e sinceramente aconselhamo-lo, como bom católico, que se pressa de ser, a ir a Canossa, penitenciando-se das suas injustiças para com o Centro...

Aqui arde Troia, desabando sobre a «Acção Social» um Himalaia de improperios e de infâmias...

A «Acção» ancha e pança...

Em face de tal arreganho, quem podia ficar calado, cheio de humildade á espera de nova chicotada?

O próprio Cristo, cheio de mansidão e de amor, tomou o tagante para azorregar os vendilhões do templo, quando lhe profanavam a casa de seu Pai...

Se o sr. A. L. quizer continuar a discussão interrompida pelas suas diatribes, temme ainda e sempre á sua disposição.

Infirmus.

ADIVINHA POPULAR

Sem ser de carne, nem pescado
Sou dentro d'água nascido;
E se depois de criado
Fôra minha mãe tomado
Serei logo consumido.
Sem ser coisa de comer
A todos dou tanto gosto
Que sem mim não há gostar,
Mas escondido hei-de andar
Em outro traje descomposto.

Declaração da última publicadã: — Tinta, papel, pena e dedos.

JARDIM FEMINIL

XII

Minha boa «cachopa»:

Se eu não me tivesse certificado da sua identidade, creia que ainda hoje imaginaria que sob o seu pseudónimo de «Uma cachopa da aldeia» se escondia o nome de uma mulher que houvesse pertencido ás ordens religiosas expulsas do país e que na sua pequenina pátria, que é a sua frêguesia, essa mulher, entregue aos trabalhos domésticos, ia continuando uma obra de exemplos cristãos, apostolizando, dando exemplo de virtude, de mistura com as canceiras da vida... — tantos teem sido os assuntos de moralisação, de educação e de critica, que a minha boa «Cachopa» tem tratado na «Acção Social», em cartas que tão amavelmente me vem dirigindo, tantos assuntos que já eu não sei recordá-los.

Perdô-me que só hoje eu venha reatar conversa com a minha boa amiga. E' que, além da doença, uma ligeira «gripe» que me atingiu, os trabalhos e cuidados da minha casa quasi não teem querido deixar que eu leia, com a atenção que merecem, as suas cartas tão simples, tão leves na forma como cheias de ensinamentos e de carinhosas anotações.

Numa das suas cartas falou a minha amiga de enfermeiras, da dedicação e carinho das mulheres de outros tempos, no seu amor aos doentes da casa e na caridade que dispensavam aos que necessitavam dos cuidados dos vizinhos. para estranhar que as mulheres e moços de agora não sigam essa linda tradição. Tem muita razão a minha querida «Cachopa»; mas, se me dá licença, eu quero dizer-lhe que não é isso muito de estranhar.

Mudaram, como sabe, os tempos... Já não é ao calor da fé e sob o influxo da Caridade que nós bebemos na doutrina que Cristo prégou e que exemplificando praticou até ao sacrificio máximo, que nos próprios hospitais, casas de Caridade como se lhes chama ainda, o serviço de enfermagem é prestado aos doentes!

As leis que o sectarismo impoz á consciência católica nem sequer pouparam aquelas virtuosas Mulheres que por amor de Deus prestavam os seus incomparáveis serviços aos doentes! A preocupação de tudo laicisar, o desejo que a tudo quiz tirar a influência divina, conseguiu separar as Mulheres da Caridade dos pobres enfermos... e não raro os pobres doentinhos morrem ao desamparo de uma voz carinhosa que lhes assista, orando, aos deradeiros sopros da vida...

Como a imaginação me mostra erguida á cabeceira de um leito, silenciosa, na hora solene da Morte, resando orações que o Céu escuta, uma dessas Mulheres de hábito negro que, sob o nome de irmã de Caridade, escondia a sua origem, os pergaminhos da família, tudo que a prendia á vida mundana, e que nessa hora de cerrar os olhos outro fosse o de aliviar os sofrimentos do moribundo e acompanhar até á Eternidade a alma que se desprendia dum corpo...

A irmã hospitaleira é essa Mulher que a minha imaginação contempla, minha boa amiga!

A falta que elas fazem nos asilos e casas de doentes, só os asilados e doentes sabem compreender...

... Nas nossas aldeias, campos já abertos a todos os modernismos, a todos os vícios, a todas as loucuras e desvios entrou também o desdem, a indiferença — a triste consequência de tanto se haver falado em modernismo, de os homens e as mulheres de bom tom se terem querido integrar na civilização democrática, que Deus, para elles e para elas, quasi ocupa lugar secundário nos seus espiritos!

E' isto a tristissima realidade dos factos, não é verdade?

Mas, minha boa «Cachopa»: tudo faz a sua época. E' persistir prégando a boa lei, dando o exemplo da virtude, do carinho e do amor que devemos ao nosso próximo, porque a realidade das coisas tem que triunfar. E' necessário querer e crer, porque o ideal cristão não falece. Desaparecem os anos, sumem-se os séculos, a terra devora os corpos dos inimigos da nossa fé que baqueiam insatisfeitos... mas Deus triunfa sempre e com Ele triunfaremos nós também deste lutar incessante na vida!

Apostolise na sua aldeia cercada de pinhais, apostolise sem desfalecimento, dê exemplos de virtude e de caridade, acaricie os velhinhos e as crianças, catequise em nome de Deus... e deixe passar esta onda que se formou impetuosa, muito longe da praia, mas que tem de vir quebrar-se no areal dócil, socegado, forte, da realidade...

Aprendi a encarar a vida sob o prisma da conformação. Reconheço-me ás vezes insensível, não me sentindo ferida nem atingida pelo que á minha volta se segreda, e tanto se me dá que digam que não frequento *soirées* ou que me apelidem de pouco sociável... Vivo para mim, para a minha família, para todas as obras em que trabalho e, digo-lhe, minha querida «Cachopa», que, se algumas vezes me tenho sentido fatigada, a fadiga não tem sido cansaço:

A seara é grande e muito há que fazer. Continue a minha amiga a sua faina por Deus e conte sempre com a dedicada boa vontade da

S. Mt.º Am.ª e Ad.ª

Maria Alice.

“CUMpra-SE A LEI,”

O sr. ministro da Instrução com medo dos «jasuitas»

No relato da Câmara dos Deputados encontramos referido o seguinte episodio: *Antes da ordem do dia* o sr. Torres Garcia chama a atenção do sr. ministro da Justiça para a propaganda católica que se está fazendo na cidade de Coimbra, chegando até a propria Universidade a parecer um estabelecimento católico.

O sr. ministro da Justiça reconhece que nem só em Coimbra o clericalismo está alastrando, por toda a parte, mais ou menos a reacção se vai infiltrando; sendo os próprios republicanos muitas vezes os primeiros a acarinhá-la. E' forçoso fazer cumprir rigorosamente e sem transigencia a lei de separação. Nesse sentido vai dar as suas ordens, chamando também para o assunto a atenção do seu colega da Instrução, para que nas escolas e collegios se deixe de fazer a propaganda reaccionaria.

Grasnam os gansos do Capitólio maçónico, alarmados porque os estudantes da primeira Universidade de um país católico se permitem manifestar as suas crenças e porque os professores que são católicos fazem conferencias na associação dos estudantes católicos.

CAMINHOS

(Ao generoso amigo, Rev.º P.º José Francisco Rios Novais)

*Há no mundo três caminhos,
desiguais em seu andar.
Num, voam os passarinhos,
noutro, as espumas do mar.*

*No terceiro, dos sòzinhos,
o mais triste e singular,
andam rotos, coitadinhos,
mendigos a soluçar.*

*Caminhos do mundo, ao certo,
nenhum deles é deserto,
como o terceiro que é o meu.*

*O do Mar é de aventura,
o da Terra de amargura,
só é de Esperança o do Ceu!*

ARNALDO BEZERRA DE AZEVEDO.

E vem o sr. ministro da Justiça prometer o cumprimento rigoroso da lei de separação! Sabese o que quer dizer este eufemismo.

Melhor fôra que S. Ex.ª fizesse cumprir a lei, mandando fechar as lojas maçónicas e fazendo aplicar o art. 283.º do Código Penal que declara ilicitas as associações secretas. Seja igualmente cumprido no que respeita ao jogo.

As leis do país! Acima de todas está a Constituição, que assegura a liberdade de consciencia e de crença, prohibe perseguições por motivo de religião, declara livre a expressão do pensamento, e impede a privação de um direito por motivo de opinião religiosa. Como São Paulo proclamava desassombrado o *Civis romanus sum*, os católicos portugueses invocam os seus direitos e não toleram que o jacobinismo oficial os menospreze.

E' assim que a república pretende corresponder á benevolente attitude da Igreja, empenhada em assegurar a paz religiosa?

Eis os termos em que na sua Enciclica ao Episcopado português o Santo Padre Bento XV recordava as declarações que se lhe fizeram:

«Fazemos esta exhortação, tanto mais que segundo declarações a Nós feitas, confiamos em que os poderes do Estado em Portugal hão de proteger e garantir a plena liberdade da Igreja, e o exercicio dos seus sagradas direitos, para que assim possa realizar nesse pais com toda a vantagem a sua missão divina.»

Infeliz resposta a do sr. ministro da Justiça, do qual bem se pode dizer que parece nada ter esquecido e nada ter aprendido.

A questão é clara

Somos contra os erros e crimes desta república, como somos contra os erros e crimes de qualquer república ou de qualquer monarquia; mas não contra república ou monarquia.

A nossa posição na luta é-nos determinada pela Santa Sé e pelo Episcopado. São os nossos guias, os nossos chefes por direito.

Haverá alguém que ame mais a Santa Igreja do que a Santa Sé e os Senhores Bispos?

E' como há católicos que queiram ser mais papistas do que o Papa?!

Parece que há interesse de embrulhar a questão, quando ela é bem clara. A organização católica estorvará qualquer governo ou regime, bem orientado e intencionado?

Só nos não compreende quem não quer.

... Haverá alguém mais monárquico do que os integristas?

Pois muitos destes, que são verdadeiros talentos, não cri-

ticam, nem contrariam a organização do Centro Católico. E não se diga que são rapazes, pois entre elles há novos, mas também há velhos experimentados.

Mas, dizem os nossos criticos, que teem os católicos conseguido?

Não compete a elles, nem a nós, apreciá-lo bem.

E, se não temos conseguido muito, a culpa, em grande parte tem sido dos tais católicos que se limitam a criticar. E, afinal, a mesma pergunta podemos dirigir aos nossos criticos: que tem elles conseguido?

Que este jornal continue com clareza a insistir na verdadeira doutrina da Igreja, e não deixe embrulhar a questão, eis os votos de um

Soldado raso.

PELO ARCIPRESTADO

Peço aos meus presados colegas que ainda se não muniram com os novos Santos Oleos o obséquio de os procurarem, na próxima quinta-feira, no escritório do arceiprestado.

P.º Rios Novais.

Coisas da vida prática

Topinambo

Se não estou em erro, ainda até hoje não teve as honras de ingressar nas colunas do nosso semanário esta preciosa planta tuberosa que aliás nos últimos tempos vem fazendo largo giro nos jornais, revistas e livros agricolas.

E justa, bem justa é a fama e larga difusão que se lhe está criando, atento o seu alto valor como substancia forraginosa, a sua extraordinaria produção, muito superior á das outras raizes tuberosas, como a batata, a sua maravilhosa rusticidade com que vai bem em qualquer clima e local, sem exigência de fartas adubações, custosos amanhos culturais e dispendiosos tratamentos, quais os exigidos nomeadamente pelo milho, batata, etc.

Para tornar ainda mais recomendável este vantajosissimo arbusto, até a natureza o dotou da peregrina qualidade de se não conservar bem senão sob a terra, donde apenas devem ser extraídos e arrancados os seus tubérculos, á medida das exigências do consumo.

Assim dispensa elle a immobilisação de locais, silos ou quaisquer dispositivos e trabalhos de armazenagem e conservação.

Originário do Novo Mundo (do Canadá? do México?) o topinambo, chamado também *girasol batateiro*, tem a classi-

ficação botânica de *Helianthus tuberosus*.

Não falando nas suas aptidões para usos industriais (confeccção de alcool, etc.) e até alimentares—mediante a culinária—a sua cultura para forragens de bois, cavalos, carneiros, galinhas, porcos—sobretudo porcos—é agora duma oportunidade tanto maior e instante quanto é certo que os cereais estão caríssimos e a batata a atingir preços inacessíveis aos mal remediados: e cereais e batatas refluiriam com proveito para a alimentação humana, se fossem supridos pelo proflifero topinambo.

A sementeira ou plantação dos tubérculos deve ser feita no outono—novembro a dezembro—ou no inverno—fevereiro a março. Convem que os tubérculos sejam lançados à terra inteiros; que, partidos, correm o risco de apodrecer nos solos húmidos ou secar nos áridos.

Nas grandes explorações a sementeira é feita à charrua; nas pequenas culturas é feita à enxada, abrindo pequenos covatos, regueiros ou galgueiras nos quais se depositam os tubérculos a uma profundidade de 0,06 a 0,10. A distância das galgueiras convem seja de 0,50 e a dos tubérculos ao longo da galgueira de 0,30.

É vantajoso que o terreno esteja preparado e adubado com antecedência; e que seja local onde depois os gados pesados não andem a calcar os tubérculos após a fase da vegetação e enquanto se conservam na terra.

O seu valor alimentar é semelhante ao da batata e da beterraba: matérias azotadas 2 a 3 p. 100.

Cortado e misturado com palhas meudas convem a todos os animaes, especialmente aos carneiros. Cozido e misturado com farelo ou farinha favorece a engorda.

Eis os breves dados com que tomo a liberdade de chamar a atenção dos agricultores para esta magnifica planta, certo que não terá que se arrepender quem a cultivar.

V. A.

Ecos e Noticias

Em Adões—Desastre e morte

Na semana passada, quando, na freguesia de Adões, os criados da casa Costa Novais saiam com um carro de bois, estes espantaram-se e o carro passou por cima da servical Margarida Alves da Silva, de 33 anos, solteira, tendo morte instantânea e ficou gravemente ferido um criado que acompanhava o carro.

Officiais de justiça

Para confraternizarem com os seus colegas desta vila e tratarem de assuntos referentes à sua classe, vieram a esta vila alguns officiais de justiça das comarcas de Lisboa, Viana do Castelo, Famalicão e Santo Tirso.

No Tribunal da comarca, foram recebidos pelo ilustre juiz de Direito e pelos escrivães.

Baptisado

Em Famalicão, foi baptisado, no último sábado, o primogénito do ilustre e bemquisto empregado comercial, Alexandrino Dias Costa.

Foram padrinhos o nosso estimado patricio António Fiuza de Melo e a snr.^a D. Maria Cristina Dias Costa, que impuzeram ao recém baptisado o nome de Abel Carlos.

Que sobre o novo cristão caiam abundantes as benções do ceu, são os nossos votos muito sinceros.

Comunhão aos enfermos

No proximo domingo, ás 9 horas e meia, «hora oficial», será solenemente ministrada a Sagrada Comunhão aos enfermos e entevados do Hospital e Asilo de Inválidos.

Teatro Gil Vicente

Amanhã, e sábado, 25 e 26, tem o público barcelense ensejo de assistir a dois sensacionais espectáculos pela esplendida Companhia Dramática Portuguesa, sob a direcção dos insignes artistas Maria Matos e Mendonça de Carvalho, que, contratada pela Sociedade Cinematográfica Barcelense, vem ao nosso Teatro.

Representa-se, amanhã, a peça de grande successo «Malvalouca», em que a distinta artista Maria Matos tem um trabalho em que se mostra a grande artista que é; e sábado vai à scena a peça cheia de encantadora belesa, intitulada «Fidalgos da Casa Mourisca», que é uma das mais belas obras do teatro português.

É de esperar que o público barcelense, que tantas vezes se tem queixado da não vinda a esta vila de Companhias que mereçam o sacrificio da bolsa, amanhã e sábado vá ao Teato Gil Vicente, onde tem uma Companhia, que é bem digna de ser preferida, dorser uma das mais bem orgnisadas e de melhores elementos, que percorrem as terras da provincia.

A Companhia Maria Matos e Mendonça de Carvalho só por uma grande deferência se resolveu vir a Barcelos. Justo é, pois, que o público barcelense corresponda a essa gentilisa.

Cooperativa Bracarense

O dividendo desta Cooperativa, de 5 0/0 por acção, vencido em 1923, paga-se no estabelecimento do Snr. Francisco Carmona, desta vila.

Circulo Catholico de Operários de Barcelos

No próximo domingo, 27 do corrente, haverá neste Circulo uma recita cujo produto reverte a favor das obras do mesmo Circulo.

Serão levadas á scena, por um grupo de amadores, 3 hilariantes comédias, recitativos e vários monólogos.

Orfeão barcelense

No dia 8 de Maio, vai a Ponte do Lima, acompanhado do seu grupo dramático, o orfeão barcelense, onde vai dar um espectáculo.

É de esperar que ali sejam triunfantemente recebidos, atenta a proverbial bizzaria dos limarenses.

E o nosso orfeão colherá também mais um triunfo, a acrescentar à auréola brilhante, que justamente o enaltece.

Capitão Sousa Guerra

Lemos que pediu escusa do cargo de delegado do Directório do partido radical, no distrito de Braga, o snr. capitão Sousa Guerra, por discordar da constituição da comissão municipal neste concelho.

Dr. Fernando Moreira

Este nosso presado conterrâneo, que, no último ano, concluiu com muita distincção o curso de Medicina, fixou residência na freguesia de Rates, concelho da Póvoa de Varzim, onde exerce a clinica, com geral satisfação.

Circo Olimpia CAMPO DA FEIRA

Agradou muito o espectáculo de estreia da companhia de circo. Tem numeros de verdadeira atracção.

O Emprezarario continua a manter os créditos que já obteve no nosso Teatro.

Brevemente estreia do cav. audaz dos clows Goro e Soni, os reis do riso e dos barristas Valentins.

O concelho de relance

Campo, 22.

A visita pascal fez-se em boa

ordem, com os costumadas manifestações de regosijo.

—Passa muito mal, encontrando-se privado do uso da razão o sr. Domingos José Barbosa.

—Foram baptisados uma filha de Domingos Salgueiro, com o nome de Maria Leonor; e outra de Miguel Coutinho, com o nome de Rosalina.

—O ex.^{mo} amigo, sr. João Cândido Veloso de Miranda Pereira Barreto, da casa do Rato, tenciona ir ao Pôrto passar uns dias, a cuidar de seus incómodos.

Abade de Neiva, 22.

Foi baptisada uma filha de Manoel José da Silva, recebendo o nome de Rosa. Foram pabrinhos Francisco José de Freitas e Ana de Sá Freitas.

—Com o nome de Clementina, foi também baptisada uma filha de Joaquim Barbosa da Silva, sendo padrinhos Francisco Tomé de Oliveira Real e Clementina Sá Viana.

—Foi ainda baptisada uma filha de Manoel Domingues Real, recebendo o nome de Emilia. Foram padrinhos Adelino Manoel do Vale e Maria Mendes de Miranda.

—Vimos aqui o snr. capitão João Pires e o snr. Adelino Lopes dos Santos, do Pôrto.

Silva, 22.

Como previamente noticiamos, foi em verdade estrondosa a festividade, que é já tradicional, ontem aqui realisaada. A's 7 horas da manhã, houve missa cantada e sermão, em honra de S. Sebastião, sendo orador o rev. Alexandrino Leituga. A's 10 horas, houve missa cantada solene sem exposição, com sermão pelo rev. Pároco de Lijó, em honra de N. Senhora da Incarnação.

Pelas 4 e meia da tarde, fez-se a exposição eucaristica no trono, pré-gando, em honra do S.S. Sacramento, o rev. Moisés Alves de Pinho, Superior do Seminário das Missões do Espirito-Santo, com residência em Viana do Castelo.

Depois da benção, saiu a procissão, com 2 andores, na qual tomaram parte tôdas as ricas bandeiras que esta freguesia possui.

Abrilhautou a festividade a banda dos Bombeiros de Barcelinhos.

Traslado:

L.^o DE NOTAS N.^o 225, Fs. 67

Modificação de sociedade comercial—

Aos dois de Abril de mil novecentos vinte e quatro, nesta vila de Barcelos, rua Barjona de Freitas e meu cartorio, compareceram: como primeiro outorgante **Sebastião Pereira de Brito** e como segundo outorgante **Avelino Gomes de Sousa**, casados, negociantes, desta vila,—pessôas do meu conhecimento, cuja identidade afirmo. Por ambos os outorgantes, perante mim bacharel Augusto Matos Lopes d'Almeida, notario desta comarca de Barcelos e as testemunhas adeante nomeadas e no fim assinadas, minhas conhecidas e idoneas—foi dito:—Que constituiram uma **sociedade comercial**, em nome colectivo, com o capital de trinta mil escudos, em escritura celebrada, neste cartorio, em três d'abril de mil novecentos e vinte; **que acordaram em modificar essa sociedade** nos termos seguintes:—**Primeiro**—O artigo primeiro fica substituido pelo seguinte: «**Esta socieda-**

“A IDEAL,”

AGENCIA DE PASSAGENS E PASSAPORTES

Rua D. ANTONIO BARROSO n.º 34 e 36 — BARCELOS

Trata-se de toda a documentação para obter passaportes e passagens para o estrangeiro

SERIEDADE E PREÇOS RASOAVEIS

O agente habilitado,

Ismael Ferreira de Macedo Faria Gajo.

de girará sob a firma Brito e Souza».

—**Segundo**—O artigo quinto e seu paragrafo ficam substituidos pelo seguinte: «**O capital social é de cincoenta mil escudos**, pertencente a ambos os socios em partes iguais e é representado por fazendas e creditos activos constantes do Balanço a que procederam, verificado e assinado por ambos».—**Terceiro**—O artigo setimo e seus paragrafos ficam substituidos pelo seguinte: «Ambos os socios são gerentes, mas a escrita, caixa e direcção de todo o expediente e de todos os serviços ficam inteiramente a cargo do socio Souza, prestando-lhe o socio Brito, voluntariamente, o auxilio de que êle necessitar e substituindo-o quando êle precise de se ausentar. **Paragrafo primeiro** Ao socio Souza compete representar a Sociedade em juizo e fóra dêle e praticar tôdos os actos inerentes à gerencia, excepto quando tiver de assinar documentos que importem responsabilidade para a sociedade superior a dés mil escudos, porque êstes, para terem validade, tem de ser assinados por ambos os socios. **Paragrafo segundo** A nenhum dos socios é permitido o uso da firma para fins estranhos aos interesses da sociedade, sob pena de, o que a usar, responder por perdas e danos e de tal facto constituir materia ou fundamento para dissolução imediata da sociedade». **Quarto**—O artigo oitavo e seu paragrafo ficam substituidos pelo seguinte:—«No fim de cada ano social, a contar de trinta e um de março proximo passado, proceder-se-há ao balanço, que deverá estar encerrado dentro do praso de quinze dias. Os lucros, que êsse balanço acusar, serão divididos na proporção de sessenta por cento para o socio Souza e quarenta por cento para o socio Brito. **Paragrafo unico**—Os prejuizos, no caso de os haver, serão suportados pelos socios em partes iguais». **Quinto**—Todo o passivo

da Sociedade, existente em Trinta e um de Março do ano corrente, é da exclusiva responsabilidade do socio Brito e, por isso, a seu cargo fica o pagamento dêle. **Sexto**—Todos os moveis e utensilios, existentes no estabelecimento social, são e ficam sendo proprios do socio Brito. **Setimo**—Cada um dos socios poderá retirar, da Caixa social, em cada mês e por conta da sua quota de lucros, a quantia de mil escudos. **Oitavo**—Nenhum dos socios poderá explorar, nem em nome individual nem associado, negocio da natureza do da sociedade. **Nôno**—Em tudo o mais ficam subsistindo as clausulas daquêla sociedade, contidas na referida escritura, e que não são modificadas nesta. Dou fé que assim o disseram, êles outorgantes—que certifico serem os unicos socios da referida sociedade—, sendo testemunhas presentes João José d'Almeida, casado e Antonio José d'Almeida, solteiro, maior, barbeiros, desta vila, que vão assinar com os outorgantes e comigo notario, depois desta escritura ser lida em vós alta, perante tôdos, por mim. Vai pago o selo devido no valôr de quarenta e cinco escudos, em estampilhas fiscais no fim coladas e devidamente inutilisadas.

Sebastião Pereira de Brito—Avelino Gomes de Souza—João José d'Almeida—Antonio José d'Almeida—Augusto Matos Lopes d'Almeida».

Coladas e inutilisadas as estampilhas fiscais no valôr precedentemente declarado e mais as da industria e selo do recibo.

Está conforme.

Barçelos, data retro.
O notario,
Augusto Matos Lopes d'Almeida

Dinheiro

No dia 4 de outubro do ano findo, foi encontrada uma carteira com dinheiro, na frente do Campo da Feira, fim da Avenida. A quem der os sinais certos, entrega-o. José da Costa Mano, de Vilar do Monte.

VENDEM-SE

Moveis, camas, cadeiras, mesa e bancos para taberna e prédios.

COMPANHIA EDITORA DO MINHO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital -- Cem contos

SÉDE = RUA D. ANTONIO BARROSO = BARCELOS

TIPOGRAFIA oficinas montadas com material aperfeiçoado, aptas a executar todos os trabalhos de impressão, a uma ou mais côres.

ENCADERNAÇÃO oficina em que se tomam todos os trabalhos de encadernação e brochura, e que são executados com perfeição e segurança.

PAPELARIA vendas por junto e a retalho, de papeis de todas as qualidades, para impressão e escrita. Objetos de luxo para escritorio.

EMPRESA INDUSTRIAL DE BARCELOS, L.^{da}

(FABRICA DA GRANJA)

Largo da Granja, 9 a 17—BARCELOS

Serração, Carpinteria e Marcenaria

Executa-se, com perfeição e rapidez, qualquer encomenda, com grande vantagem e economia para os Snrs. Construtores e Proprietarios.

Preços sem competencia.

Ismael de Macedo & C.^a

Rua D. Antonio Barroso, 34 e 36

== BARCELOS ==

Completo e variado sortido em casimiras, chales, malhas, panos crus, panos brancos e muitos outros artigos.

Um bom sortido em miudesas

PREÇOS DE RECLAME

Mercearia 1.º de Dezembro

DE

BRITO & C.^a

Barcelos

Rua Infante D. Henrique, 27 a 33
Rua Manoel Viana, 1 a 7

Chá, café e papelaria.

Arroz, assucar e bacalhau.

Azeites especiais.

Massas de superior qualidade.

Depósito da COMPANHIA VELHA DO ALTO DOURO.

Bolacha fina, biscoitos de Valongo. Louças e vidros.

Farinhas e muitos outros artigos.

PREÇOS SEM COMPETENCIA.

A CONFIANÇA

PASSAPORTES E PASSAGENS

José Maria Monteiro Torres

Legalmente habilitado

Frente à cadeia—Barcelos

Passagens para América do Norte, Rio de Janeiro, Argentina, Africa Portuguesa e mais portos, etc. Passaportes para França, Espanha, etc.

Procurar esta casa, é ter a certeza de que os seus contratos são sempre fielmente cumpridos, e de que os Srs. passageiros seguirão ao seu destino sempre dentro da legalidade.



Esta casa não tem ligação alguma com a do seu irmão na rua Direita,